

Entrevista Mejitó Helena de Dan

Helena de Dan: Aquela tradição antiga né. Não sou tão velha quanto as outras pessoas, mas eu estou com 42 anos de iniciada e de idade 52. Então o Candomblé, o jeje que ficou aqui no Rio tem uma tradição. O jeje de Salvador eu conheço, já fui a cachoeira [sic] O nosso aqui do Rio, especialmente o da minha casa é o Gege original oriundo, o nosso é de África mas não tem descendência de Bahia. É gege do Rio de Janeiro mesmo [sic] Aí quando ela veio para o Brasil fundou a casa de Gege lá na Saúde. [sic] Então eu tenho aquela coisa de resguardar a tradição deles. Eu não fotografo, minhas festas aqui em casa não são fotografadas, não são filmadas. Até tenho problemas por que às vezes as pessoas vem e trazem máquina! Aí tem que pedir pra não fazer, tem que pedir pra não gravar. Eu acho que isso hoje já não bate mais com a mentalidade do povo, mas infelizmente eu fico naquela de fazer e desagradar. Aí eu preservo e fico numa situação difícil. Eu tenho filhos de santo que são pais de santo, que tem casa, eles ficam assim até meio chateado comigo “mas todo mundo tira e não sei o que”. E filhos que vieram de outras casas que tiravam, que filmavam né. [...] continua falando da questão de registrar as festas.

Ficou a tradição oral e passada e passada. Quer dizer eu não sei daqui a cinquenta anos se a garotada de hoje vai perpetuar isso. Eu procuro eu corro muito atrás por que outras irmãs de santo minha foram pro Keto, outras procuram se aprofundar mais no jeje. Então eu estou sempre ali botando o nome da família em evidência. Tô sempre falando, sempre defendendo para que a coisa não fique esquecida, não se perca né. A gente tenta aí divulgar o máximo, dar entrevista uma coisa ou outra. Hoje já está até bem mais divulgado por que há alguns anos atrás quando se falava em jeje no Rio de Janeiro se achava que era só o jeje tatafomotinho, essa turma toda, que é grande né, a turma dele é bem grande né. E não é o Gege do Rio de Janeiro é um Gege que veio de Salvador. Uma pessoa fez santo lá tatafomotinho veio aqui pro Rio e aqui fez vários filhos de santo, e um fez os outros...e foram fazendo, quer dizer cresceu a família aqui. Mas não é oriundo daqui é de lá são outras pessoas, outros africanos.

E: no caso a sua raiz que você começou a falar veio de África em 1800?

Helena de Dan: 1820, mais ou menos, com Guaiacu Rosena que era de Becem

E: Ela era africana?

Helena de Dan: Africana. Veio pro Rio fundou lá na Saúde e já veio com um Axé chamado Guadabá né. Era na Saúde, depois foi pra Abolição. Com o falecimento dela o Axé passou a pertencer né, a Adelaide Santos que era conhecida no Rio como Mejitó, que era Devo do Jô, que é a mãe da minha mãe, que era Natalina de Oxum, também já falecida. Falecida em 73. Aí passaram sete anos aí a casa foi dada Amim. Eu herdei a casa.

E: Ela era sua mãe carnal também?

Helena de Dan: Não só mãe mesmo de vodum. Aí eu me iniciei em julho de 65 [...]

E: Você tem informação de que a Gaiacu Rosena foi a primeira que veio? Essa que é africana?

Helena de Dan: Africana, veio de Aladano.

E: Onde fica?

Helena de Dan: Em Daomé, ou Benin né?

E: A senhora esteve lá em Benin?

Helena de Dan: Não eu nunca fui a África não. Eu tenho vontade de ir. Aqui (mostra publicação) já vai falando em data. Em 1891 Gaiacu Rosena iniciou-se para o vodum [...] Aqui eu falo da tradição da minha casa, aqui eu falo um pouco de mim. Aqui nesse item 1 mãe Helena fala um pouco sobre o Kwesinfá, Kwesinfá é essa casa aqui.

E: Isso significa o que?

Helena de Dan: Casa das águas de Ifá. [...]

E: Mejitó do podaba, essa é sua mãe?

Helena de Dan: É minha avó, é a mãe de minha mãe, Rosena é a mãe da mãe da mãe. É a biza.

E: Não foi sempre aqui a casa?

Helena de Dan: Não. Coelho da Rocha era o podaba. O Kwesinfá é uma dissidência do podaba. É um axé filho. A Rosena trouxe o podaba, com o falecimento dela o podaba ficou para Mejitó. Mejitó fez minha mãe e outras, minha mãe abriu casa, Kwefinsa.

E: No caso a senhora herdou...

Helena de Dan: O Kwesinfá, que é de minha mãe de santo. O podaba foi herdado por uma tia de santo minha mas ela não deu seqüência, está parado. Eu estou com cinquenta e dois anos, está parado a cinquenta e um anos, quando a criatura faleceu eu estava com um ano. Eu estou com cinquenta e dois, ela morreu em outubro de cinquenta e seis, eu estava com um ano, nem me lembro dela. Minha família lembra mas eu não. Então foi herdada por esta moça que depois eu vim tomar as minhas obrigações. Quando a minha mãe faleceu eu vim tomar as obrigações com essa minha tia de santo, só que aqui na minha casa, ela nunca reinaugurou o axé, ela tem com ela guardado mas não abriu.

E: E nem preceito, nada?

Helena de Dan: Não ela faz algumas coisas lá mas não continuou, por que a primeira coisa que faz quando morre alguém eles querem vender tudo né. Vender a parte material, foi o que aconteceu comigo. Era em Agostinho Porto, você vai ler aqui você vai entender, sete

anos depois do falecimento da Natalina que era minha mãe eles me chamaram pra eu tirar a parte de santo que eles iam vender as terras. Aí eu levei pra minha casa que eu morava na Pavuna, fiquei quatorze anos com os santos, mas tratando, cuidando e arrumando um canto pra ir e fazer né. Foi em noventa e cinco eu reabri aqui.

[...] continua falando da questão da venda dos terreiros quando o dirigente da casa morre.

Então eu ainda dei seguimento por que tive peito de comprar em outro lugar, e carregar minha parte espiritual pra outro lugar e tocar meu bonde. Quando eu herdei esse axé eu estava com vinte e seis anos de idade.

E: É estava bem nova pra pegar uma responsabilidade dessas né?

Helena de Dan: Bem nova! E Agarrei mesmo, segurei. Aí fui terminar meus estudos primeiro, fazer faculdade, trabalhei e ta, ta, ta e é dinheiro, por que casa de Candomblé é dinheiro.

E: Gasta muito né?. Vocês tem assim alguma ajuda pra casa de Candomblé funcionar ou é dinheiro próprio dos filhos?

Helena de Dan: Não, dinheiro próprio dos filhos de santo. Mais meu do que de filho de santo. Em agosto eu faço uma festa bonita aqui, festa do meu Vodum, faço dia vinte e quatro de agosto. É o dia que cair exceto sexta-feira, dá assim em torno de umas quatrocentas pessoas. Esse ano cai na sexta-feira aí eu faço no sábado, começa meio-dia. Todas as festas aqui em casa é durante o dia, não faço festa a noite. Se é dia de domingo começa dez da manhã, se é sábado começa uma hora, duas horas. E essa festa começa mais tardar meio-dia.

E: É bom por que as pessoas tem como ir embora e tudo.

Helena de Dan: É. Por que está muito difícil para as pessoas andar na rua né, então quiser ficar depois sempre tem uma comidinha, uma cervejinha, aquela comemoração, um bate-papo e aí as pessoas ficam. Mas cinco horas, seis horas a parte minha já acabou. Não tenho responsabilidade das pessoas irem embora.

E: Vocês tem assim festa de calendário que anualmente sempre dá?

Helena de Dan: Tenho. No jeje Tradicional todas as festas de obrigação e de santo, tudo acontece em janeiro, eu estou fugindo um pouco da regra. Em geral se você fizer uma pesquisa, em janeiro acontece tudo, é Yaô é festa disso é festa aquilo, é obrigação, essas coisas todas né. Tradição de Brasil, que no Maranhão já é diferente, na África já é diferente né. Eu aqui em casa eu sigo minha mãe de santo. Por exemplo, assim, janeiro eu dou comida ao meu santo. Eu dou comida a Becem. A Azanador, que eu sou de Azanador não sou de Becem. Falo Becem que é o mais tradicional né.

E: Qual é a diferença?

Helena de Dan: São caminhos diferentes. Tudo é oxumarê tudo é Becem mas são trilhas que seguiram diferente, mas cada um tem um arquétipo né. Eu sou de Azanador, então em janeiro eu dou comida a esse vodum, que em Gege é Vodum não é Orixá né. Quando chega em julho eu dou comida a família Reviosô, a família de raio que é do fogo né. Que é sobô, loco, badé, acarumbé, averequeti e outros, vamos dizer assim, que seria um Xangô do Keto né. [...] Aí quando chega em dezembro eu faço obrigação para azansu que é obaluaê do Keto né. Eu faço o Ande, a cerimônia de Ande. No keto tem olubagé, no gege não tem olubagé.

E: É que olubagé é um ritual do Keto né?

Helena de Dan: Olubagé, aguas de oxalá, ipeté, jeje não tem Tem casas que fazem mas cada qual na sua né. Aí novembro geralmente eu dou comida a Oxum de minha mãe de santo, faço festa de Oxum e 24 de agosto eu faço a festa do Vodum azanador, que é aberta ao publico, essa festa do Oxum também é aberta ao público a de Sobô também. E eventualmente tem filhos de santo pra tomarem obrigação, aí a coisa vai se encaixando.

E: Mas aí são fora de calendário?

Helena de Dan: Fora de calendário, calendário mesmo hoje é isso. Até por que eu teria outras cerimônias pra fazer mas como a casa ainda está nova de reinaugurada eu ainda dependendo de outros fatores jeje pra eu poder fazer. Ah, dia seis de janeiro a procissão de Azanador também entra junto aqui. Onde eu dou comida ao santo a procissão e Azanador que dizer é de reis, também isso é calendário. Então eu tenho outras coisas de jeje pra fazer, mas só que eu necessito que tenha as árvores já adultas, essas coisas todas. Aí estou amadurecendo primeiro a casa, a instalada aqui né. Por que o axé é velho mas as instalações aqui são doze anos, que foi em janeiro de 95 que eu reinaugurei né. Então fui comprando aos poucos, por que quando eu iniciei eu iniciei com aquele terreno e com esse aqui, aí depois comprei um, comprei outro, comprei outro né. Foi crescendo. Aí a proporção que vai crescendo você vai começando a fazer todas as cerimônias necessárias né, quer dizer, ainda falta coisa mas a proporção que for indo vai fazendo.

E: Tem essas árvores sagradas?

Helena de Dan: Tem. Tem Loco, tem o pé de Azanador que é a paineira.

E: Ah é a paineira?

Helena de Dan: É a paineira, tem duas que a gente chama de Carabá. Que até está peladinho, mas tem época que ele cai tudo. Mas também é uma árvore jovem ainda, ela tem que ficar um pouco mais velha pra terminar de fazer as coisas

E: A de Loco é mesma de Iroco?

Helena de Dan: É Iroco só muda o nome, no Keto fica Iroco e no Gege é Loco. Esta crescendo e é até filhote do Iroco de Bira. [...] Tem a Izã plantada, que representa os ancestrais né.

E: a Izã qual é o tipo da árvore?

Helena de Dan: É o cacto que representa o ancestral, é aquele que cresce espinhoso. Mandacaru né. [...] Está indo devagar, tem muita árvore ainda pra plantar o Vodum, elas estão crescendo e eu tenho que esperar crescer pra poder executar a cerimônia. Eu não sou apressada não, tudo vai devagar né e na proporção que o tempo vai vindo a gente vai dando direção as coisas [...] fala das ervas que tem na casa

E: Como é o seu nome todo?

Helena de Dan: Helena Batista de Araújo.

E: Conhecida mesmo como Helena de Becem?

Helena de Dan: Helena de Dan. Pessoal me chama mais de Mejitó Helena de Dan por causa do santo. As pessoas que são de Vodum Becem, Azanador, dessa família aí são Mejitó.

E: Mejitó quer dizer o que? É uma designação pra mãe de santo?

Helena de Dan: Mejitó é uma designação, por que tudo eu busco muito, eu estudo muito. Fiz santo criança, a mãe de santo quando faleceu eu tinha sete anos, quer dizer, tudo que eu sei hoje eu não posso dizer que foi da época que eu aprendi. Então eu vim buscando, a vida é um eterno aprendizado. Então Mejitó quer dizer A Grande Mãe, ato de parir. Mas teve uma entrevista no rádio, que me chamaram pra entrevista e eu até nem gosto de ir por que muitas das vezes verdade as pessoas não gostam de ouvir. E hoje pra você ser uma Ialorixá, ser uma dirigente de uma casa você tem que ter o mínimo de conhecimento possível. Não é só tirar cabelo da cabeça dos outros e cortar pescoço de galinha, de cabrito e dizer assim é mãe de santo fica complicado né. Então eu fui estudar francês por causa do jeje Estudei Ioruba por causa do candomblé né. Fiz pós graduação em lingüística pra entender línguas do candomblé. Eu sou formada em literatura e língua portuguesa. Então eu procuro saber. É fácil lá fora dizer “ah o fulano é Mejitó”, aí hoje eu vejo um bocado de homens ser chamado de Mejitó. E aí? Aí numa entrevista na rádio me perguntaram o significado e eu falei o que eu sei, o que eu aprendi. Mejitó quer dizer o ato de parir, uma grande mulher. Ah! Nossa Senhora deu uma guerra, telefonaram pra rádio me xingaram pintaram e bordaram. Aí as vezes a gente prefere ficar calada por que quando você aprende um pouco mais.

E: Mais eu acho que tem que ser assim por que tem muita gente que está usando de forma errada.

Helena de Dan: Mas usa e aí? Tem briga se você disser que não é. Então eu prefiro ficar na minha. Mejitó Helena de Dan, tem bocado de homem aí sendo chamado de Mejitó, e eu vou fazer o que? [...] Outra coisa que eu acho é que pai de santo tem que saber falar, saber pelo menos o português. [...] continua falando da questão da importância da língua portuguesa para a comunicação entre as pessoas.

Helena de Dan: Se bem que no passado elas não tinham muita cultura a nível de colégio mas tinham muita sabedoria, e aquilo ali que elas faziam era aquilo e sabia. E hoje a nossa vida tem que ser diversificada, você tem que estudar, você tem que trabalhar, então o tempo não é só do candomblé. Então exige que você tenha um pouco mais de cultura. [...] E esse pessoal todo aí que é mais velho de idade me viram criança, eles não são muito mais velho de santo, muito mais velho do que eu, mas me viram menina. Começamos cedo!